



GUILHERME CASAROES
colunista
&
ROBERTO VINÍCIUS GAMA
convidado
guilhermecasaroes@odebatedouro.com.br



**BELO
HORIZONTE**

análise

Modelagem, Simulação e Relações Internacionais

Limites e possibilidades (parte III)

História da prática de modelagem e simulação no Brasil

A prática de modelagem e simulação no Brasil é relativamente recente – ao contrário de casos como os Estados Unidos, a Alemanha e o Reino Unido (já apresentados nas partes prévias do presente artigo). Apesar dos poucos anos de atividade, tal prática alcançou resultados e um grau de evolução (de certa maneira) surpreendentes, principalmente devido à adesão intensa de diversos estudantes de graduação que acabaram por tornar corriqueira a participação em simulações durante as jornadas secundarista e universitária de ensino.

A história da prática de modelagem e simulação no Brasil remete, coincidentemente, a um período de expansão da quantidade de cursos de graduação de Relações Internacionais no Brasil. Também, o início de tal atividade remete, em termos temporais, à fundação da Federação Nacional dos Estudantes de Relações Internacionais (FENERI).

A origem da atividade de modelagem e simulação no Brasil remete ao ano de 1998. Desde então, a promoção de simulações (tanto com ênfase

em Relações Internacionais quanto em outras áreas de conhecimento) vem se desenvolvendo sobremaneira, considerando diversos aspectos abarcados pela atividade: áreas temáticas; planos de simulação; tipos de comitê; proposta pedagógica; atividades culturais, de entretenimento e integração; idiomas de trabalho; metadebate concernente à prática simulacional,⁸ entre outros.

Nas linhas a seguir, será apresentado um panorama da história da realização de Modelos no Brasil, levando em consideração, principalmente, uma sistematização temporal e relacionada ao público-alvo das conferências e fóruns de simulação de organizações internacionais. Pretende-se, assim, demonstrar de modo sucinto a “linha histórica” (e, de certa maneira, evolutiva) da promoção da atividade de modelagem e simulação no país.

Considerando as simulações destinadas a estudantes universitários, a história começa em 1998, quando foi realizado o primeiro

“Contando com pessoal especializado e motivado, os Modelos ao redor do Brasil trazem, hoje, idéias inéditas, comitês de alto nível acadêmico e de debates, excelente infra-estrutura e reconhecimento internacional crescente. Ao chegar perto de completar sua primeira década de existência, as expectativas sobre o desenvolvimento de MUNs no Brasil não poderiam ser maiores.”

⁸ Vide *O Debatadoiro*, ano IV, 60ª edição.

Modelo das Nações Unidas (MUN)⁹ no país – o Americas Model United Nations (AMUN), promovido por estudantes da Universidade de Brasília (UnB) e ocorrido em Brasília, no meio do ano (julho). O Modelo, cujo idioma principal é o inglês, é então pioneiro – não por coincidência sendo realizado na capital federal, núcleo da atividade diplomática brasileira.

Em 1999, é criado o segundo MUN do Brasil – o Modelo da Organização das Nações Unidas (MONU), promovido por estudantes da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) e ocorrido na capital paulista, no fim do ano (dezembro). Esse tem como idioma oficial o português.

Em 2001, é criada a Simulação de Organizações Internacionais (SOI), conferência promovida por estudantes da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) e ocorrida na capital potiguar (Natal), em novembro (a segunda edição também ocorreu em novembro, e as duas posteriores ocorreram em outubro). Esse Modelo tem como idioma principal o português.

Em 2002, é criada a Simulação da Organização das Nações Unidas (SIONU), promovida por estudantes da Universidade Estácio de Sá (UNESA) e ocorrida na cidade do Rio de Janeiro, em maio. Tem como idioma oficial o português.

Em 2003, por sua vez, é criado o UFRGS Model United Nations (UFRGSMUN), modelo promovido por estudantes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e ocorrido na capital gaúcha (Porto Alegre), em outubro (a segunda edição ocorreu em novembro). Esse Modelo tem como idioma oficial o inglês.

Em 2005, é realizada, precisamente em março, a primeira edição do TEMAS (Thematic Simulation), modelo universitário promovido por estudantes da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas) e do International Organizations Simulation Club (IOSC – fundado em 1999) e ocorrido em Belo Horizonte. Para a primeira edição, o idioma oficial foi o inglês.

O ano de 2000 representa um marco no que concerne à promoção de conferências e fóruns de simulação destinados a estudantes de ensino médio (secundaristas). No segundo semestre desse período, é realizada a primeira edição do Modelo Intercolegial da Organização das Nações Unidas (MINI-ONU), modelo promovido por estudantes da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas) e do International Organizations Simulation Club (IOSC)

e ocorrido na capital mineira. O Modelo tem como idiomas oficiais o português, inglês e espanhol.

Já em 2002, é realizada a Simulação das Nações Unidas para Secundaristas (SiNUS), promovida por estudantes da Universidade de Brasília (UnB) e ocorrida na capital federal, em novembro (a segunda edição ocorreu em maio, e a terceira, em abril). Tem como principais idiomas o português e o inglês.

Em 2003, é realizada a Organização das Nações Unidas Júnior (ONU Jr.), promovida por estudantes da Universidade Estácio de Sá (UNESA) e ocorrida na capital fluminense, em maio. Tem como principal idioma o português.

Em 2004, é realizado o Modelo Intercolegial de Relações Internacionais (MIRIN), promovido por estudantes da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio) e do Instituto de Relações Internacionais (IRI/PUC-Rio) e ocorrido na cidade do Rio de Janeiro, em julho/agosto. Tem como idioma oficial o português.

É importante ressaltar que não foi possível mencionar devidamente todos as conferências e fóruns de simulação de organizações internacionais realizados (bem como aqueles a ser realizados) no Brasil. Embora haja tal restrição, os Modelos apresentados são representativos do panorama geral da prática de modelagem e simulação no país.

Limites e possibilidades: o que nos reserva o futuro?

A expansão das simulações ao redor do Brasil traz consigo implicações tanto positivas quanto negativas. Convém aqui enumerá-los de uma forma abrangente e razoavelmente sistemática, na tentativa de prever, no limite, as possibilidades porvindouras do desenvolvimento da atividade no país.

- *Diversificação das atividades de modelagem:* entender as simulações como algo circunscrito às Nações Unidas ou mesmo à dinâmica dentro dos comitês vem tornando-se obsoleto com o passar dos anos. Hoje, crescem em número e em qualidade os clubes de simulação, que promovem não só treinamentos e comitês de curta duração, mas também simulações locais, palestras e grupos de estudo.¹⁰ A institucionalização da modelagem para dentro dos currículos universitários também é uma realidade: alguns cursos de Relações Internacionais

¹⁰ Dentre os clubes nacionais, valem como exemplo o CSOI (Centro de Simulações de Organizações Internacionais), na UnB; o IOSC (International Organizations Simulation Club), na PUC Minas; o CES (Centro de Estudos e Simulações em Relações Internacionais), na Universidade Católica de Goiás (UCG); o NEI (Núcleo de Estudos Internacionais), da Faculdade de Direito da USP; o NUSOM (Núcleo de Simulações de Organismos Multilaterais – Sérgio Vieira de Mello), na Estácio de Sá-RJ, entre vários outros.

⁹ MUN: Model United Nations.

já possuem matéria obrigatória de “modelagem e simulação”, com vistas ao desenvolvimento das habilidades decisórias necessárias ao internacionalista que se dedique às instâncias multilaterais. Além disso, os próprios Modelos têm buscado trazer elementos de cidadania – como a parceria entre eventos como o AMUN e MINI-ONU e o programa federal “Fome Zero” – que complementem o desenvolvimento acadêmico dos participantes.

- *Profissionalização das atividades de modelagem*: ao contrário do que acontecia com as primeiras gerações de “modelistas” ao redor do país, que contavam apenas com sua experiência e com apoio difuso das universidades na realização de seus eventos, o que se pode perceber, nos dias de hoje, é um crescente movimento de profissionalização das simulações. Não se quer dizer, com isso, que as simulações têm saído das mãos dos alunos universitários para serem executadas por “profissionais” da área. Pode se observar, contudo, a expansão – ainda que esparsa – de empresas que promovem, patrocinam e fornecem *know-how* específico para a realização de eventos, especialmente no âmbito do Ensino Médio. O trabalho dessas empresas, que já se configura como profissionalização em si, traz consigo um outro aspecto desse movimento, que é a formação de delegados e participantes cada vez mais preparados, mais conscientes, mais competitivos e, em grande medida, mais capazes de absorver os inúmeros benefícios das atividades de simulação.

- *“Democratização” do acesso dos estudantes aos MUNS*: a expansão dos Modelos implica, positivamente, a expansão daqueles que deles participam. Tal fenômeno adquire características distintas nos eventos universitários e nos secundários. No primeiro caso, houve inicialmente uma expansão geográfica, ainda que de certa forma restrita aos cursos que fornecem o grande público de Modelos (Relações Internacionais e Direito), mas capaz de cativar públicos tão distintos quanto o potiguar, o goiano ou o gaúcho. Somente com os dois eixos iniciais já estabelecidos (MONU e AMUN) é que cursos menos relacionados diretamente ao mundo diplomático ou das OI’s passaram a ser representados nos eventos: hoje, é possível encontrar, mesmo que em pequenas doses, estudantes de Economia, Administração, Medicina, Comunicação Social, com delegações próprias em simulações.

No caso dos Modelos de Ensino Médio, além da clara expansão geográfica,¹¹ verifica-se uma progressiva – ainda que lenta – “deselitização” do

público participante. Escolas públicas já representam aproximadamente 1/10 dos eventos nacionais, podendo contar com mecanismos de isenção de inscrição, por exemplo, e a tendência é que as instituições públicas, especialmente das regiões onde os Modelos aconteçam, aumentem ano após ano sua participação.

- *Internacionalização dos eventos nacionais*: a exemplo do que acontece com Modelos europeus e estadunidenses, é possível considerar, para os anos próximos, uma internacionalização de fato dos principais eventos de modelagem ao redor do país. Um primeiro e grande passo foi dado com a realização, em Belo Horizonte, do Harvard WorldMUN 2002, trazendo para o país a atenção de universidades das Américas e da Europa. A participação de delegações estrangeiras em Modelos brasileiros, igualmente, já ocorre em alguns deles, principalmente naqueles que possuem comitês em inglês ou espanhol, mas isso se dá graças a contatos pessoais e não à relação institucional – e perene – entre universidades nacionais e estrangeiras. A idéia é que, com a expansão quantitativa e qualitativa dos Modelos ao redor do país, espaços cativos para instituições de outros lugares do planeta possam tornar o Brasil uma parada obrigatória no calendário internacional de MUNS.

- *Regionalização dos Modelos*: o crescimento numérico cria, pelos próprios constrangimentos de calendário, a necessidade de regionalização dos eventos em busca da garantia de público. Enquanto os maiores eventos, ou os mais tradicionais, ainda sejam capazes de abarcar um público diversificado e amplo, Modelos que surgiram recentemente – ou cuja abertura para a nacionalização seja atual – ainda têm que se apoiar na demanda regional para pautar seu desenvolvimento. O que por um lado é bastante oportuno – afinal de contas, a criação de “nichos” locais é mais que bem-vinda no processo de difusão e enraizamento da cultura de Modelos em áreas ainda pouco exploradas –, pode se mostrar limitador, uma vez que as dificuldades de nacionalização num país de dimensões continentais e de parco apoio institucional a esse tipo de evento são evidentes.

- *Especialização dos Modelos*: uma das saídas possíveis para a limitação causada pela expansão de Modelos pelo Brasil é a especialização. Propiciar aos participantes novas atividades – como palestras e ciclos de debates, já mencionadas anteriormente – constitui-se como uma das faces da especialização, mas não é a única. Realizar Modelos com idéias diferenciadas, como a área temática que pauta o TEMAS ou o AMUN deste ano, ou voltar a simulação para questões mais jurídicas, como o Tribunal de Nuremberg, na SOI, ou a Assembléia dos Estados-parte do TPI, no UFRGSMUN, são soluções criativas que não só fomentam a inovação da atividade como

¹¹ MINI-ONU e SiNUS, nas edições mais atuais, contaram com estudantes de Porto Velho, Natal, Goiânia, Porto Alegre, Curitiba, Salvador, Vitória, São Luís do Maranhão, além daqueles dos mais variados pontos de Minas Gerais, São Paulo, Rio de Janeiro e Brasília.

também colocam o Brasil entre os centros de produção acadêmica na área de modelagem.

Conclusão: desenvolvimento a olhos vistos

Seria ingênuo destinar ao Brasil um “lugar menor” no desenvolvimento da atividade de modelagem e simulação em Relações Internacionais. Contando com pessoal especializado e motivado, os Modelos ao redor do Brasil trazem, hoje, idéias inéditas, comitês de alto nível acadêmico e de debates, excelente infraestrutura e reconhecimento internacional crescente. Ao chegar perto de completar sua primeira década de existência, as expectativas sobre o desenvolvimento de

MUNs no Brasil não poderiam ser maiores – e, a exemplo do que temos nos grandes centros, como EUA, Inglaterra, Alemanha, Canadá, nossa expectativa é de que o Brasil já complete seus dez anos em MUNs como referência para todos aqueles que levem a sério as simulações internacionais como área de relevo no estudo das RIs.

O CONVIDADO: Roberto Vinícius Gama é bacharelado em Relações Internacionais pela PUC-MG.